

Editorial

Ao término do segundo semestre de 2025, publicamos o dossiê temático **SIMBIOSES: dinâmicas entre o humano e o não-humano na arte**, editado pela artista multimídia, professora e pesquisadora Nikoleta Kerinska, atualmente *maître de conférences* em Artes e Humanidades Digitais no *Institut Sociétés et Humanités* (ISH) da *Université Polytechnique Hauts-de-France*.

A publicação marca também a conclusão de um ciclo de mais de duas décadas de atuação docente de Nikoleta no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, onde fundou o laboratório de arte computacional em 2003, e inaugurou o ensinamento desta disciplina. Sua pesquisa dedica-se ao uso da realidade virtual e da inteligência artificial em projetos artísticos, e da complexa relação humano-máquina. Nikoleta permanece integrando o Grupo de Pesquisa Poéticas da Imagem CNPq/UFU e facilitando diversas parcerias simbióticas entre a UPHF e a UFU. Desejamos um futuro feliz à professora Nikoleta.

No texto de apresentação do dossiê, Kerinska, fundamentada em autoras e autores como Lynn Margulis, Donna Haraway e Bruno Latour, argumenta que a simbiose, um conceito biológico que descreve a coexistência mutuamente benéfica entre organismos diferentes, deve ser estendida às relações entre humano e não-humano, contestando a hierarquia antropocêntrica que coloca o ser humano como dominador da natureza.

Trata-se de uma urgência, conforme alerta a autora, repensar o lugar do humano no mundo, especialmente no contexto do Antropoceno, propondo que a arte contemporânea opere como “arqueologia do presente”, capaz de escavar temporalidades múltiplas das coisas vivas e de reinscrever, neste tempo e lugar, as marcas de uma ancestralidade compartilhada. A noção ampliada de simbiose ativa uma necessidade existencial de reconciliação com aquilo que “nunca deveríamos ter deixado” para trás: nossa linha evolutiva primordial com a natureza, nossa participação integral no “clã” (*priroda*) do vivo, em contraposição ao capitalismo ostensivo que instrumentaliza e fragmenta o mundo natural em recursos a serem explorados (Kerinska, 2025).

Como elaborado por Kerinska, a relação de simbiose entre humano e não-humano tem finalidades éticas, ontológicas, políticas e estéticas. Os textos e demais contribuições à chamada (entrevistas e ensaios), de diversas formas e perspectivas

artísticas e culturais, caracterizam as interações simbióticas e as possíveis finalidades da simbiose:

- a. Pensa-se a simbiose como ferramenta de reconfiguração do lugar do humano no mundo vivo, abdicando da errônea prerrogativa da centralidade em prol de uma trama relacional com outros organismos e sistemas vivos;
- b. Especula-se o uso de formas simbióticas com finalidade crítica, para desestabilizar a oposição entre natureza e cultura, identificada pela autora como um dos fundamentos do capitalismo e, consequentemente, da crise ecológica;
- c. Algumas contribuições ao dossiê tratam de estimular novos modos de percepção do vivo e da vida, com exemplos e análises de práticas artísticas (híbridas, ecossistemas artísticos, rituais, obras multiespécies) que performam a simbiose, não se limitando a representá-la. Por meio disso, criam experiências em que o humano pode notar-se como coabitante, coautor e codependente;
- d. Instigam-se as relações éticas de interdependência em substituição da lógica da dominação, de modo que, quando se desloca o humano do centro, nenhuma forma de vida é reduzida a recurso de exploração;
- e. Por fim, a editora convidada e autores e autoras que contribuem para o dossiê, como leremos a seguir, exercitam a imaginação de futuros alternativos contra o capitalismo predatório. Afirma-se que pensar e viver de modo simbiótico é um gesto de resistência, e a simbiose funcionaria como princípio de existência, convivência e imaginação política, mais do que como modelo técnico ou solução pragmática.

Relacionamos abaixo uma síntese comentada dos textos que integram o dossiê:

Adriana Vignoli e Christus Nóbrega, assim como as autoras Damiana Bregalda e Paola Ricart, partem da prática da residência artística como constituinte de um novo território de acontecimentos e contingencialidades. No texto “A Residência Artística como Florestação de processos criativos da escultura contemporânea” (Nóbrega; Vignoli, 2025), a noção de “florestação de processos criativos” pressupõe que o fazer escultórico, linguagem artística da autora, não é resultado exclusivo da intenção humana, mas emerge da interação entre artista, materiais, ambiente, temporalidades naturais e contingências do território. A residência artística é entendida como um ecossistema processual, no qual se é inserida e se é transformada. A ideia de simbiose está explicitada no entendimento do humano como

parte de uma trama relacional ativa, que, nesse caso, se manifesta na ideia de processos criativos não lineares, coproduzidos pelo meio.

Em “Reflorestar corpos, Reencantar territórios” de Bregalda e Ricart a simbiose é mobilizada como princípio político. As autoras criticam frontalmente a separação moderna natureza/cultura, mostrando como ela sustenta o colonialismo, o racismo ambiental, a instrumentalização da terra e dos corpos. As práticas artísticas apresentadas atuam junto a territórios-corpo-terra, dissolvendo fronteiras entre humano, ambiente, espiritualidade, política e arte. A arte simbiótica, se se pode conceituar assim, traduz-se em cuidado, reciprocidade e defesa da vida por meio da centralidade dos saberes ancestrais, das práticas comunitárias e da ideia de parentesco entre humanos e não-humanos.

Alessandro Campolina e Ophélie Naessens, em seus respectivos artigos, tratam de agências de reencantamento do mundo por meio de alianças sensíveis entre espécies, matérias e forças. Em “Corpografia simbiótica: aprendizagem experiencial com os signos proustianos e o transe ritualístico Huni Kuin”, Campolina reitera, assim como muitas das reflexões recebidas, o deslocamento do antropocentrismo: o humano não tem posição soberana. Ele pode ser engolido pela jiboia, atravessado pelos espíritos, reconfigurado pelas plantas, capturado pelos signos. O autor, com atuação na área da saúde, reposiciona politicamente os saberes indígenas ao reconhecer os sistemas sofisticados de conhecimento e aprendizagem experiencial dos Huni Kuin. O conceito operador proposto, corpografia simbiótica, articula a teoria dos signos e da aprendizagem proustiana com as práticas ritualísticas amazônicas, demonstrando que a aprendizagem genuína ocorre por meio da transformação corporal em relação com o mundo, e não pela representação mental abstrata.

Nesse mesmo tom crítico à preeminência do humano, Ophélie Naessens, em “Des femmes et des pierres: de quelques rituels artistiques de reconnexion avec la terre”, original em francês, apresenta uma reflexão sobre trabalhos artísticos que desnaturalizam a separação entre o vivo e o não vivo, o espírito e a matéria, o orgânico e o inorgânico. Aqui, a arte restitui à matéria mineral (a pedra) certa sensibilidade que ativa poética e existencial, contrapondo-se à atitude moderna da natureza como mero recurso. Para Naessens, as pedras possuem histórias, tempos geológicos e estabelecem relações afetivas, míticas e simbólicas com as mulheres artistas citadas ao longo do texto. O artigo de Ophélie foi traduzido para o português por Assíria

Coelho e Fábio Fonseca, publicado com o título *Mulheres e pedras: alguns rituais artísticos de reconexão com a terra*.

Em “Observatório de Relações Interespecíficas em Contextos Extremos: pensamento sistêmico e ficção especulativa em prospecções sobre o humano e o não humano”, Daiana Schröpel valida a ficção especulativa como instrumento legítimo de pesquisa em arte e propõe que pensemos as experiências interespecíficas por meio de deslocamentos dos sentidos. A autora demonstra como a fabulação pode contribuir para reformular percepções e subjetividades humanas, necessárias ao reposicionamento humano diante dos contextos naturais atuais. Assim, nos indaga: o que seres não humanos poderiam nos ensinar sobre flexibilidade e adaptação?

Raquel Nava e Gê Orthof examinam o trabalho de arte “Estomacal” (Nava, 2024) uma instalação com estômagos bovinos que critica a cultura de consumo e a objetificação de animais. Aqui, os leitores e as leitoras podem refletir sobre uma experiência direta e visceral com a cadeia produtiva da morte animal. A morte, por meio da apresentação da carne tornada presunto, é também uma metáfora para a coisificação contemporânea que move os desejos humanos, marcando, assim, uma crítica explícita ao capitalismo voraz. O trabalho confronta o espectador com sua cumplicidade no sistema de violência contra animais que ele prefere não ver.

Lucas Feres e Lucas Lago desenvolvem práticas artísticas situadas a partir do “Modo Operativo AND”, formulado por Fernanda Eugenio e Ricardo Seiça Salgado, no qual a conjunção aditiva “e” sugere um processo relacional e fractal de pensar e agir junto. Os autores investigam a memória como uma relação performativa e situada entre corpo, lugar e tempo, na qual cada lugar porta perspectivas singulares que só podem ser parcialmente apreendidas. Por meio da noção de paisagens mais-que-humanas (Tsing) e reconhecendo as intrusões de Gaia (Stengers) como contingências incontroláveis, como as catástrofes ambientais, os artistas elaboraram protocolos e dispositivos para escutar, registrar e operar a conversão de regimes de existência dos lugares em formas sensíveis. Seus trabalhos emergem de imagens-situação e de processos contextuais que valorizam as múltiplas agências humanas e não humanas, entendendo a prática artística como modo de relação e de aprendizagem com os lugares no Antropoceno.

O artigo “Poéticas cósmicas: a etnoastronomia na Arte Contemporânea” investiga como registros históricos, sistemas e princípios da astronomia sob a perspectiva indígena, articulados a seus contextos culturais, são encadeados na

produção artística de Marco Cherfêm por meio de mediações tecnológicas. Os trabalhos “Cosmo-cidade”, “Re-imprimindo o céu ancestral via wi-fi” e “Terra Boa (Nakre-ehé), Céu Antigo” operam politicamente a memória indígena, o risco de desaparecimento de seus saberes e a opressão colonial sobre os modos de conhecer.

Guilherme Ferreira apresenta o método da Luz Negra em “Matéria bruta: ler trabalhos de arte sob uma perspectiva extramoderna”, desenvolvido pela filósofa e artista brasileira Denise Ferreira da Silva, situando-o criticamente em relação aos fundamentos do pensamento moderno a partir de um percurso pela metafísica ocidental, com ênfase em Descartes e Kant. O autor analisa a aplicação desse método à instalação “In Pursuit of Bling” (2014), da artista nigeriana Otobong Nkanga, destacando como a noção de matéria bruta do cobre, presente na instalação, permite evidenciar tanto a sua dimensão sensível quanto as histórias de violência colonial inscritas nas materialidades dos elementos minerais. O método da Luz Negra é compreendido como uma ferramenta crítica extramoderna, de orientação contracolonial e contrarracista, que dialoga com debates contemporâneos da estética que recusam o universalismo para a análise de trabalhos artísticos.

O artigo de Paulo de Carvalho Neto investiga a série “Poéticas da natureza” (2010-2011) da artista visual mineira Darli de Oliveira, revelando uma prática artística que discute a dicotomia entre natureza e cultura ao incorporar elementos materiais da terra (argilominerais, óxidos de ferro, gravetos, pedras, insetos e ferrugens, por exemplo) na superfície da tela. A artista, criada em ambiente rural, desenvolve um processo ritualístico de coleta e transformação alquímica de pigmentos naturais extraídos de seu entorno, conectando-se às práticas ancestrais das inscrições rupestres em um exercício de reinterpretação das cores e formas presentes nas primeiras expressões visuais da humanidade. Assim, Darli ultrapassa a relação mimética, criando composições que incorporam a própria materialidade bruta da natureza.

No artigo original em francês *Poétique de la chimère : Le règne animal de Thomas Cailley, au regard de la déconstruction Homme/Animal proposée par Jacques Derrida dans L'animal que donc je suis*, Karine Rouquet analisa o filme *Reino Animal* (2023) a partir da ideia de desconstrução da oposição Homem/Animal, tal como formulada por Jacques Derrida em “O Animal que Logo Sou”. A autora examina a criação das quimeras no filme, tanto em sua concepção narrativa quanto em sua realização estética pelos atores, como projeção de uma possibilidade concreta de um

futuro antiespecista, marcada pela dissolução das fronteiras ontológicas entre humano e animal. O artigo também está publicado em português, com tradução realizada por Beatriz Rauscher e Nikoleta Kerinska.

Nevena Ivanova, em *Artistic Imagination Beyond Technotopic Futures*, original em inglês, com tradução de Nikoleta Kerinska, argumenta que, estamos em uma era em que a antecipação do futuro tende a ser delegada a sistemas computacionais, reduzindo a imaginação ao que é mensurável e programável. A racionalidade tecnológica que organiza o mundo e o tempo a partir do cálculo, da previsão e da automação reduz a capacidade humana de imaginação do. Para superar a miopia desses discursos tecnológicos, a autora analisa como certos trabalhos artísticos servem como operadores de futuros não submissos à lógica autônoma da tecnologia, porque produzem formas situadas de experimentação e interdependência.

O artigo em arte-educação de Paula Murari compartilha a experiência da atividade de criação de personagens imaginários humanos e não humanos por meio do desenho no ensino fundamental e como podem expressar subjetividades e reflexão sobre a natureza e o ser humano, valorizando a imaginação e as referências midiáticas dos e das estudantes.

Para completar o dossiê, contamos com o ensaio curatorial da exposição *Photo Brute*, de Nicolas Devigne, e os ensaios visuais “HIPERMAR: uma fabulação poético-visual para aguapés em 15 mergulhos”, de Ana Freitas Kemper, e *Étrange entre deux : franchir la frontière*, de Marianne Chanel (França), além da entrevista, em inglês e português, de Kerinska com a escritora Kapka Kassabova, cuja obra literária tem feito contribuições significativas à escrita de viagem, à literatura da diáspora e aos relatos não-ficcionais sobre plantas, bruxarias, milagres e práticas ancestrais, ou ainda sobre a história conturbada dos povos balcânicos.

Esperamos que as leituras desaguem em rios correntes cheios de vivo.

COMITÊ EDITORIAL